

UM ESTUDO DO PORTUGUÊS DO BRASIL: CONSTRUÇÕES DE TÓPICO OU FIGURAS DE SINTAXE?

Jacson Baldoino Silva (UNEB)

jacsonsilva@outlook.com

Lucia Maria de Jesus Parceró (UNEB)

Durante muito tempo, acreditou-se que o português brasileiro fosse uma língua com proeminência de sujeito, sendo considerada como má formação toda estrutura que fugisse desse tipo de predicação. Essa tentativa de padronização sintática dos constituintes é reiterada pelas instituições de ensino que tentam legitimar a ordem sujeito-verbo-objeto como a forma canônica dentro do português brasileiro. Contudo, essa forma de predicação não satisfaz todas as necessidades gramaticais de definição das regras da língua, e esse déficit é abordado pelas gramáticas normativas como exceção. Entre essas exceções encontram-se as figuras de linguagem que são definidas como superabundâncias, desvios e lacunas. Contudo, se observarmos essas construções linguísticas a partir das estruturas de *tópico-comentário*, veremos que aquelas construções definidas como figuras de sintaxe se constituem como construções de tópico – evidenciando a dupla predicação do português como língua com proeminência de *sujeito* e *tópico*, no qual as duas noções estão mescladas, tornando-se difícil sua distinção (PONTES, 1987). Com isso, propõem-se a analisar os exemplos de figuras de sintaxe – objeto direto pleonástico, prolepse e anacoluto – apresentados por Celso Cunha & Luís Filipe Lindley Cintra (2001), para desconstruir a ideia de má formação dessas construções. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica e análise de dados, sendo estes os exemplos trazidos por Celso Cunha e Lindley Cintra (2001) para cada uma das figuras aqui estudadas. E se considera que essas figuras de sintaxe são consideradas como estruturas mal formadas, devido à ideia de que o português brasileiro é uma língua que só permite predicação do tipo sujeito-predicado. Contudo, sendo uma língua de terceiro tipo, ele é uma língua que permite tanto este tipo de predicação, como também a de tópico-comentário (PONTES, 1987).